

A Menina na Lagoa

Pesquisa de histórias de tradição oral e cultura popular na Costa da Lagoa – Florianópolis

Juliana Venturelli Offenbecker

Resumo: *Pesquisa de histórias de tradição oral e cultura popular na Costa da Lagoa – Florianópolis. A pesquisadora esteve em residência durante 26 dias em uma comunidade da Costa da Lagoa recolhendo histórias e percorrendo as trilhas centenárias. Está pesquisa tem como objetivo escutar e recolher histórias de seres mágicos, especialmente bruxas e lobisomens, que habitam no imaginário do manézinho (homem ou mulher natural de Nossa Senhora do Desterro, descendentes de açorianos), conhecer e vivenciar manifestações folclóricas de algumas comunidades de Nossa Senhora do Desterro. A partir do material recolhido e das vivências adquiridas predento escrever um espetáculo teatral e contar algumas histórias em apresentações narrativas da cia. Conto em Cantos.*

Palavra-chave: *Bruxas. Tradição oral. Cultura popular. Costa da Lagoa. Florianópolis.*

1. O PRIMEIRO CONTATO

Em 2008, durante o BOCA DO CÉU – evento de contadores de histórias que ocorre a cada 02 anos na cidade de São Paulo, conheci o contador de histórias Sergio Belo, morador da Costa da Lagoa. Estava ouvindo diversos contadores quando este me chamou a atenção pela maneira como narrava sua história. Sergio Belo, sentado num banquinho, ia tecendo sua narrativa sem praticamente mover seu corpo e em pouco tempo eu, ouvinte, não o via mais, mas assistia a um pequeno filme que me envolvia a cada palavra e me fazia viajar no espaço e no tempo, me transportando para um além do plano material e real.

Fiquei tão imprecionada com esta narrativa que nunca mais esqueci a história, chamada BALANÇO BRUXÓLICO.

Neste ano, 2008, estava envolvida com uma pesquisa que foi realizada em comunidades ribeirinhas dos estados do Amazonas e Pará. Portanto, durante um tempo deixei adormecida a vontade de conhecer mais sobre este contador e sua região.

Em 2013 estava pronta para começar uma nova pesquisa de campo e pensando em qual região, do nosso rico e maravilhoso Brasil, elegeria lembrei dessa experiência que havia vivido. Porém, antes que pudesse definir, fui selecionada para participar de um festival de

contadores de histórias em Porto Alegre/RS. Neste festival além de me apresentar e ministrar uma oficina, assisti diversos contadores brasileiros. E para minha surpresa, enquanto assistia a contadora Gisele, fui notando uma grande semelhança na história que ela contava com a história que tinha ouvido do Sergio Belo em 2008. Não era a mesma história, mas os personagens fantásticos eram as bruxas e a narrativa sobre uma comunidade de pescadores e outros detalhes da narrativa me levaram a pensar que ambas as histórias haviam sido recolhidas na mesma região e talvez pela mesma pessoa. Quando Gisele acabou sua apresentação fui imediatamente conversar com ela, e tive a grata surpresa de estar certa. Realmente ambas as histórias tinham sido recolhidas por Flanklin Cascaes (grande pesquisador e artista de Nossa Senhora do Desterro, morador da costa da lagoa e autêntico manezinho). Também descobri que Sergio Belo foi um dos grandes incentivadores para Gisele contar histórias, os dois eram e são amigos. Tanta coincidência só me incentivou a definir como destino para pesquisa a comunidade da Costa da Lagoa na Ilha da Nossa Senhora do Desterro (mais conhecida como Florianópolis, mas em respeito as minhas fontes de pesquisa continuarei chamando de Nossa Senhora do Desterro, como assim preferem).

Enfim, definido o destino naquele exato momento, pedi para Gisele o contato de Sergio Belo e pedi para que ela conversasse com ele sobre mim.

Dois meses depois recebi um e-mail de resposta do Sergio Belo e comecei a planejar a viagem de residência e pesquisa na Costa da Lagoa. Escrevi um projeto para o edital do Minc para custeio de viagens com intuito de pesquisa, festival ou cursos, no qual obtive aprovação mas fiquei na lista de espera. Portanto, decidi ir por conta própria (assim como fiz na Amazônia).

Aluguei uma casa na comunidade da Costa da Lagoa, perto da residência do Sergio Belo, adiquiri alguns livros de Flanklin Cascaes (também indicação de Sergio Belo), pesquisei sobre os Açores e sua influencia cultural na construção e povoamento de Nossa Senhora do Desterro e parti para experiencia prática, para pesquisa de campo.

2. CHEGANDO NA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Dia 10 de março de 2014 peguei o vô para Florianópolis pela manhã.

Cheguei no terminal de barcos da Lagoa da Conceição por volta das 10hs e ali fiquei esperando pelo que seria no proximo mês o meu meio de transporte, um barco.



FOTO 01 - Ponto 01: Trapiche na Av. Das Rendeiras.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Ali já começava minha aventura por paisagens e costumes novos.



FOTO 02 - Local de embarque e desembarque para os pontos da Lagoa da Conceição.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

As embarcações paravam em 23 pontos da Lagoa da Conceição, sendo que do ponto 01 ao 03 também havia acesso pavimentado. Do ponto 03 ao 23 o acesso é possível apenas por trilha no meio da mata ou barco. Do ponto 03 ao 19 a trilha está bem sinalizada e a mata está bem aberta, já a partir do ponto 19 a trilha não possui sinalização nenhuma e em muitos lugares está completamente fechada pela mata, sendo de difícil acesso até para os moradores. Caminhei por todos estes percursos e conto isso com mais detalhes durante este relato.

Como eu iria morar durante 01 mês no Ponto 7 e teria como meio de transporte unicamente o barco, consegui pagar o valor de morador, que era R\$2,50 (somente para morador da Lagoa) por viagem ao invés de R\$7,50 (para turistas). Peguei a embarcação e desci no ponto 7. Do trapiche até a casinha que eu aluguei precisava fazer uma trilha de uns 8 minutos morro acima. Como estava com a mala muito pesada pedi subi até a casinha sem a bagagem e pedi ajuda pro Paulinho (dono da casa) e pro Sergio Belo que encontrei na trilha, pois ele estava esperando a minha chegada.

O lugar é realmente encantador para quem gosta de estar próximo da natureza e de certa forma isolado da loucura das grandes cidades. A princípio enchi meus olhos com tanta beleza e sons de natureza (macacos, passáros, rio correndo, onda da lagoa, vento e farfalhar de folhas).



FOTO 03 - Trapiche do Ponto 7.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

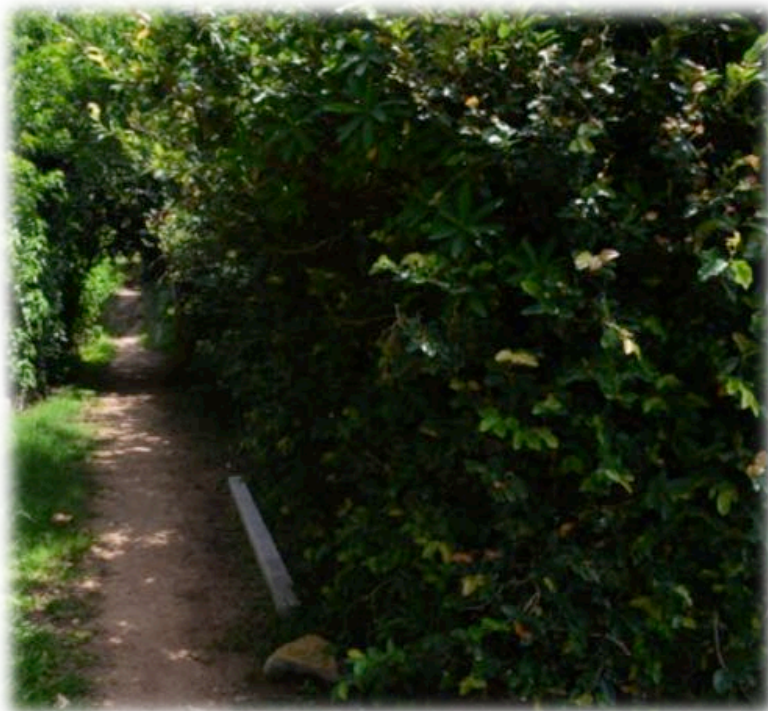


FOTO 04 - Começo da trilha para chegar na minha casinha.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

A caminhada pela trilha era agradável, mas como era sempre subida, não era tão fácil, passávamos por pedras, um pequeno correço, bambuzal e pelo quintal dos vizinhos. A maior parte das casas não possuía cerca ou portão fechado.



FOTO 05 - Minha casinha, com sala, cozinha, 01 quarto e banheiro.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.



FOTOS 06 e 07 - Minha vista pela porta e janela da sala.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Mal cheguei na casa e já tive que pegar a embarcação de volta, porque o mercado, vendinha ou similar mais próximo ficava no ponto 1 e eu precisa abastecer minha casa de alimentos, bebidas e produtos de limpeza e higiene, pois ali não havia nada além de algumas casas de vizinhos (algumas nem habitadas). Portanto, deixei minhas malas, descii para o trapiche e voltei para o o centro. Depois de fazer as compras, somente o indispensável porque teria que subir com tudo na mão, me deparei com uma cena ótima: as crianças e jovens arrancavam seus uniformes da escola e enquanto esperavam a embarcação se refrescavam, se aventuravam dando mortais do trapiche pro rio, alguns homens jogavam tarafa e o sol ia se pondo no horizonte da lagoa.



FOTO 08 – Brincadeira depois da escola.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Chegando no ponto 7, subi rapidamente para que a escuridão não me pegasse pelo caminho, afinal havia saído sem lanterna (mais um erro no dia).

Quando já estava em segurança, dentro da casinha, a escuridão chegou por completo e o céu aos poucos foi pintado por estrelas e uma fina lua crescente.

Sentei para escrever minhas impressões e relatos do dia. Depois voltei a ler as histórias de bruxas recolhidas por Franklin Cascaes. Sem televisão, internet, radio, telefone e sons urbanos, o silencio profundo começou a invadir meu corpo, o deixando de maneira estranha em estado de alerta.

No meio da leitura e do silêncio, tenho um sobressalto ao ouvir um barulho forte como se fosse um uivo rouco e grave. Levanto para procurar de onde vinha e enquanto caminho pela pequena casa, não ouço mais nada. Assim que sento e volto a ler o barulho volta a me incomodar, masi uma vez me levanto e o barulho cessa. Assim se sucede mais 3 vezes, eu com imaginação a mil e um calafrio percorrendo o corpo , já não me sinto tão segura dentro da pequena casa. Resolvo então pegar minha lanterna e num ato de coragem e fugindo do medo, ir pela trilha até a casa do meu vizinho Paulinho (que me alugou a casa), afinal precisava pegar uma cópia da chave da casinha com ele, pois ainda estava com as portas destracandas. Abri a porta e iluminei o chão para ver se não havia cobra (muito presente neste época do ano por lá, devido a ser época de reprodução das corais e jararacas da região), depois iluminei minha frente numa tentativa de me encorajar, porém o que vejo só aguça mais minha imaginação vertil, em frente da casinha uma pequena balança de corda e madeira velha pendurada na arvore se balança sozinha. Penso: é somente o vento. E logo ouço novamente o uivo rouco, que me faz saltar bater a porta e correr para meu vizinho.

Chegando lá, adivinhem? Não havia ninguem. Estava eu lá em pé do meu da mata e da escuridão, sozinha e sem ter pra quem correr. Voltei pra casinha e resolvi cantar, falar em voz alta, mas o silencio penetra na gente de forma misteriosa e se impregna nos ossos. Nesse momento digo: Só queria ouvir a voz de outro alguém.

E como resposta recebo o uivo novamente. Indignada com esta situação caminho até a sala e neste momento ouvindo o uivo, sinto um sopro nas minhas canelas.

Mas dessa vez não me assusto, apenas compreendo e dou muita risada de mim mesma e minha mente incasáavelmente louca.

Aquele uivo era apenas uma malandragem do vento, que descia pela pequena chaminé de cano de ferro velho e saía pela boca de um antigo fogão a lenha. Fogão aliás que daria impulso para outras imaginações, mais isso já seria outra história.



FOTO 09 – O fogão que uivava.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

3. CAMINHOS

Dia muito chuvoso e sem grandes aventuras. Fui até a casa de cultura, no ponto 1 (centrinho), encontrei e li alguns livros sobre a ilha, suas histórias populares e folclore local.

No momento em que a chuva deu uma tregua, voltei e caminhei um pouco observando e registrando a trilha que vai do trapiche (ponto 7) até minha casa.

Nesta pequena caminhada, passava por bambuzal, casa abandonada, mata fechada de raízes e galhos, muitas pedras e uma pequena queda d'água. Ou seja, um prato cheio para criação deste universo bruxólico.



FOTOS 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 – Trilha da casa ao trapiche.

FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Dia 12 de março, apesar de nublado, fiz a trilha da minha casa até o centrinho. Caminhei por volta de 2h30, sendo 1h30 de trilha até o Cantos dos Aracás (ponto 3) e outra 1 hora margeando a lagoa ou caminhando pelo asfalto.

Durante esta caminhada não encontrei nenhuma pessoa, porém pude observar e ouvir grandes bambuzais, passáros, macacos, e ver coisas curiosas como cruces de galhos nas porteiras de algumas casas e placas com informações folclóricas.

Apesar de me encontrar tão próxima do centro urbano (apenas 1h30 de caminhada), a sensação ao trilhar a mata foi de imersão num universo misterioso e provocante.

Em diversos pontos da trilha encontrei informações sobre plantas, animais e partes históricas, porém esta placa foi a que mais me encantou.



FOTO 17 – Placas da Trilha.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

A trilha possui muitos trechos com desniveis íngremes e muitas locais onde se deve caminhar sobre grandes pedras. Não é uma trilha fácil. Do ponto 3 ao ponto 21, a trilha está bem conservada, possui partes bem largas e a mata está bem aberta (como o trecho na foto abaixo), isso porque ela é muito utilizada pelo moradores que querem evitar o gasto com o barco.



FOTO 18,19 e 20 – Trechos da trilha.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.



Em muitos trechos existem grandes bambuzais, que produzem um barulho forte que se assemelha com o ranger de portas ou uma voz gutural.

Algumas vezes tinha a sensação de estar sendo seguida, porque o som do farfalhar das árvores, associado ao bambuzal e o pisar nas folhas secas, produzindo um som parecido com um eco dos meus próprios passos.

Esse ambiente todo, com certeza, deve ter influenciado na criação do imaginário local.

Foi sensacional e de certa forma assustador me confrontar com esta porteira (foto abaixo) durante minha caminhada pela trilha histórica.



FOTO 21 – Cruz na porteira.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.



FOTO 22 – Final da minha caminhada
pela trilha e incio para outros.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

4. BRUMAS E ESCURIDÃO SEM FIM

No dia 13 de março as Brumas tomaram conta da Lagoa da Conceição.



FOTO 23 – Lagoa de Brumas.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Nesta noite fui convidada para jantar na casa do Sergio Belo. A casa dela se localizava mais uns 10 minutos de caminhada morro acima pela mesma trilha que chegava na minha casa. Durante esses 3 dias, já havia realizado este percurso (da minha casa até a do Sergio) algumas dezenas de vezes durante o dia. Como acreditava estar familiarizada com o percurso, aceitei o convite e disse que chegaria por volta das 20hs.

Faltando uns 10 minutos pra hora marcada, já estava pronta, peguei minha lanterna e fui caminhando pela trilha morro acima. Porém, neste momento percebi que a visão ampla que possuía durante minhas caminhadas pelo dia estava reduzida a um pequeno foco de claridade, o resto todo era breu. Me convenci conforme andava que isso não sei um problema, afinal era só eu seguir a trilha estreita. Mas justamente esta foi a questão, a trilha não era estreita e limitada todo o tempo e a noite as coisas ganham outra dimensão, outra textura e mata outros sons. Chegou um momento no percurso que adentrei numa grande, enortme clareira, pensei calma, agora é só seguir reto. Mas o que é reto dentro duma mata escura? Quando estava (creio eu) no centro da clareira percebi que não sabia para onde seguir. Com meu pequeno

foco fui iluminando cada parte em minha volta e olhando pra mata não conseguia encontrar nenhuma trilha. Foi como se num sopro de vento a mata toda houvesse se fechado ao meu redor, não havendo mais trilhas ou passagens. Olhei mais um pouco e não conseguia mesmo encontrar nem o ponto pelo qual eu cheguei naquela clareira.

Estava perdida! Neste momento, também como num passe de mágica, os sons se ampliaram, dando a sensação que varias vozes sussuravam ao meu redor. O som do bambuzal a noite é ainda mais assustador e apesar de saber ou achar que vinha de um bambuzal, como não o via, passou a ser somente uma suposição.

Outra coisa incrível é perceber como quando nos é tirado (de certa forma) um de nossos sentidos os outros tendem a se aguçar. Quase não via, mais conseguia ouvir até uma formiga andando pelas folhas, sentia o cheiro da noite, um gosto amargo na boca e todos os poros do meu corpo tateavam o ar provocando arrepios na que subindo toda minha coluna.

Fiquei por alguns segundos paralizada. Segundo que pareceram horas, porque o tempo também foi estendido como se estivesse em outra dimensão.

Então como em um ato de desespero, peguei meu celular e tentei encontrar um sinal dentro daquela prisão que a clareira me propiciara. Como pode um espaço mais amplo do que uma trilha fechada, me provocar esta sensação de enclausuramento?

Enfim, consegui. De pé sobre uma grande rocha, o SINAL. Liguei imediatamente para meu amigo, expliquei que estava perdida e ele calmante me disse pra ficar parada que ele sabia exatamente onde eu estava. Em pouco tempo (pra ele) o Sergio chegou rindo e me zombando. Não preciso nem dizer, que a partir desse momento esta história era contada para todos, inclusive por mim, como uma história cômica.

O jantar foi maravilhoso e a volta fui acompanhada pelo Sergio até passar pela clareira. Nos próximos dias fui diversas vezes a noite até sua casa e até comecei a achar a clareira pequena e agradável passagem para ver as estrelas.

4. FARRA DE BOI – BOI DE MAMÃO

Hoje o dia acordou ensolarado e meu destino traçado entre os pontos 16 e 19, onde está localizada a comunidade da Costa da Lagoa, lá estão alguns pontos importantes para

comunidade: única escola da lagoa, igreja, cachoeira da costa da Lagoa, muito restaurantes com comidas tradicionais (os donos e empregados são todos da comunidade, não empregam pessoas de fora). Hoje em dia as duas principais fontes de renda da comunidade da Lagoa da Conceição são o turismo (restaurante e hospedagens) e a Cooperativa de transporte coletivo (COOPERBARCOS - barcos que transitam na lagoa).

Da minha casa até o ponto 17 foram aproximadamente 30 minutos de barco com belas paisagens de natureza e construções modernas, antingas ou simplórias espaçadas pelo percurso. Também algumas casas de barcos, local que é visitado por muitas lendas de bruxas.



FOTO 24 – Casa de Barcos na Lagoa da Conceição próximo do ponto 14.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

A aproximadamente 70 anos atrás esta mata toda não existia pois praticamente todo o entorno da costa da Lagoa era propriedade particular de donos de engenho de farinha, existiam mais de 27 engenhos e muito roçado para mandioca. Hoje existe apenas a ruína de 02 desses engenhos, sendo que um deles foi preservado pela comunidade e o outro está completamente destruído e é considerado um local perigoso, pelo aparecimento de seres fantásticos e bichos peçonhentos.

Descendo no ponto 17, em frente ao trapiche já encontro a escola e alguns restaurantes, mas meu primeiro encontro está marcado morro acima, na casa da Rosely dos Santos, conhecida como Rose (nascida e criada em Saco de Limões – Florianópolis). A Rose, aposentada, foi durante muitos anos professora de educação física da escola da Costa da Lagoa, ela foi a

responsável por trazer (em 1987) a brincadeira do Boi de mamão e também as rodas de ratoeira para dentro desta escola, com o tempo a escola ganhou fama na ilha pelos bois que eram apresentados pelas crianças e seus professores. Rose conta que quando criança sempre brincava de boi com seus vizinhos e amigos, ela morava na Ilha, mas não na Lagoa da conceição. Quando chegou na Costa da Lagoa, para ministrar aulas na unica escola da lagoa, assistiu pela primeira vez a FARRA DO BOI e neste momento se recordou de sua infancia e toida tradição do boi de mamão. Realizou uma pesquisa na comunidade e descobriu que quase ninguém conhecia o Boi de mamão, apenas uma ou duas pessoas haviam assistido a brincadeira no bairro de Ratonos (do outro lado do morro). O Boi de mamão é uma manifestação da cultura popular que provavelmente foi tranzida do nordeste brasileiro e como toda tradição foi sendo incorporada e transformada em uma manifestação popular local. Rose conta que a versão que ela ouvia da brincadeira era que um moço que tinha vindo do nordeste contava as histórias de sua terra e falava de um tal “boi de maranhão”, porém como falava rapido e com forte sotaque as pessoas entendiam que ele dizia “boi de mamão” e assim acabou ficando.

Realmente a história do boi do sul possui grande semelhança com a história contada no nordeste, do Pai Francisco e mãe Catirina, porém possui outros personagens diferenciados do folclore da ilha como as benzedeadas e bruxas, além de muitos outros como a Bernuncia, a Maricota, o urubu e uma grande variedade de bichos (macaco, gorila, cão e até urso). Mais pra frente falarei mais sobre o Boi de mamão e sua história.

Voltando para Rose, ela não encontrou esta manifestação na comunidade da Costa da Lagoa, mas havia outra manifestação que acontecia que era chamada de FARRA DO BOI (hoje em dia esta manifestação foi proibida e quem a pratica pode ser preso). A Farra de Boi consistia em trazer um boi bravo para comunidade e soltá-lo nas ruas ou em um cercado, os homens que tinham coragem deviam encarar o boi e provocá-lo, depois logicamente fugir, depois de alguns dias o boi era morto e feito uma refeição para comunidade ou era devolvido para o dono (se tivesse sido apenas emprestado ou alugado). Era considerado um desafio de coragem e valentia.

“FARRA-DO-BOI

Laurindo – Freguesia

Farra-do-boi é coisa antinga, sempre houve.

Os homens bebiam muito.

Havia perigo porque tinha boi brabo, mas não machucava ninguém.

O pessoal era meio cruel com o boi.

O animal sofria muito, sempre judiaram.

Isso é uma tradição.

Quando o boi não queria andar, jogavam pedra, faziam de tudo.

Quando o boi cansava, paravam e o animal descansava.

Depois matavam e dividiam a carne.”

(BORGES, Elaine; OROFINO, Bebel; SANDIN, Suzete. **Voices da Lagoa**. 2. ed. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte; Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2007, p.102)

Rose quis trazer para escola o Boi de mamão, como um resgata da sua infância na ilha e dessa forma trouxe para escola outras manifestações populares que já existiam na comunidade.

Abaixo coloco algumas fotos do registro (guardados por Rose) de criação e confecção do primeiro boi, Maricota e outros personagens da escola da costa da lagoa. Estes bonecos existem e são usados até hoje na escola.



FOTO 25 – Maricota da escola da Lagoa.
FONTE – SANTOS, Rosely dos. 1987.



FOTOS 26 e 27 – criação do bonecos do boi de mamão da escola da Lagoa.
FONTE – SANTOS, Rosely dos. 1987.



FOTOS 28 e 29 – Bernúncia - escola da Lagoa.
FONTE – SANTOS, Rosely dos. 1987.



FOTOS 30 – Boi de mamão na escola da Costa da Lagoa.
FONTE – SANTOS, Rosely dos. 1987.



FOTO 31 – Eu e Rosely dos Santos (Rose).
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

5. Benzedeiras

Saindo da casa de Rose foi procurar outra moradora da Costa, a dona Joana Rita Bernardo. Na comunidade dizem que dona Joana, uma senhora com mais de oitenta anos, é uma benzedera da região.

Para chegar em sua casa caminhei pela trilha, até chegar entre o ponto 15 e 16, sempre que encontrava alguém pelo caminho perguntava novamente onde a dona Joana morava, e assim foi até encontrar sua pequena e simples casa.

Convidei dona Joana para uma conversa e ela foi logo pedindo pra eu pegar 02 cadeiras e colocar na rua pra gente conversar. No começo me disse que não tinha nada pra contar e que sua vida era simples e que ela não sabia muita coisa. Perguntei sobre ratoeira (cantigas populares que geralmente as mulheres cantavam em roda enquanto trabalhavam ou faziam renda de bilro). Seus pequenos olhos brilharam e foi logo me cantado um versinho:

“Meu amor dava que longe
a minha vista nao alcança
mas se eu tivesse um cortador
eu mandava muita lembrança

ratoeira de ferro nao ha de quebra
se ela fosse de pau deveria bambiar
essa roda sere eu serei serená
dá inerte da roda pra outro entra.

- Ratoeira é assim!”

Contou que o marido (falecido a 7 anos) tinha engenho de farinha e que eles trabalhavam na roça. Durante toda conversa o místico ia se mesclando com os acontecimentos do dia a dia de forma natural, sendo tudo parte da mesma realidade vivida.

Trechos da entrevista - dona Joana disse:

“Antes era bem melhor, porque a gente tinha de tudo de muito. A gente não precisa comprar. Mas agora a gente compra. Mas agora tá mais fácil porque naquela época a gente não tinha médico, não tinha posto de saúde, não tinha mercadinho.”... “Quando a criança tava doente tinha que sair de madrugada com uma luzinha e ir lá em Santo Antonio que tinha um senhor que curava muito bem com homeopatia. A homeopatia era muito boa

fazia muito bem as pessoas. Mas agora a gente toma remédio de médico. É assim as coisas.”

Pergunto mais diretamente sobre os seres encantados, neste momento a neta da dona Joana que estava proximo liga o rádio no canal evagênico e começa a me olhar com a cara fechada. Porém, dona Joana prossegue narrando seus fatos:

“Eu mesma nunca vi, sabe? Mas minha mãe que conta que existia porque meu pai encontrô. Meu pai encontrô bruxa. A brauxa era assim: ela entrava pelo buraco da telha, vinha lá, chupava as crianças de noite, as crianças amanhecia chia de marca roxa. Aí as crianças iam ficando doentes, tristes, dava fastio, não comia mais e morriam. Elas matavam as crianças. E existia lambisomem também! Aí o lambisomem era um homem metade cavalo. Então aparecia na frente da pessoa como cavalo, mas era um cavalo estranho. Então os homem que vinham da pescaria, 3, 4 horas da manhã, aparecia aquele bicho na frente deles, que intimidavam, ficavam com medo e voltavam, preferiam ir pra casa para ficar com as suas mulheres mas não podiam. Ficavam com medo, assustado. Aí depois teve uma noite que um teve coragem e passo a mão num pau e deu uma lambada. Deu uma lambada no bicho. Aí o bicho sumiu da frente dele. Aí e;le disse que deu uma lambada mas devia ter matado porque não deixava eu passa, me deu um trabalho que eu to mais de 02 horas no caminho pra bará e o bicho não deixa. Aquele cavalo não me deixa. Aí no outro dia ele foi visita um colega dele, que é aquele colega assim mais amigo. E o colega diz: “Olha amigo essa noite eu fiz um passeio e me deram uma surra que quase me mataram. Nunca mais que eu vou naquele passeio.” E o outro responde: “Então amigo, será que eras tu que tava me metendo medo? Que era o lambisomem? Que coisa feia! Aquele dia que ti deu uma lambada fui eu. Porque me intimidaste, se transformaste em cavalo na minha frente. Agora eu que comprar um revolver e dar um tiro pra ti matar. Vou mata mesmo se você aparece na minha frente.” Pronto! Descubriu que era ele, se acabo o lambisomem, se sumiu. Nunca mais existiu. Mas tinha! Tinha feiticera, tinha lambisomem. Ah, feiticera, os homem iam pescá e aí tava um cheiro ruim dentro da canoa, uam porção de rosa desfolhada. Assim, encima da rede. Areia, isso tudo! Aí tentava coloca a canoa pra baixo e a canoa não saia. Aí intimidava também e voltava pra casa com a mulher e dizia: “Mulhe não deu pra ir pescá! Porque foi acontecido assim e assim.” A mulher ficava com medo. Aí a mulher disse: “E aí agora o que vamo fazê? Vamos lá na Barra da Lagoa procura uma benzedera?” - Porque antes lá na Barra da lagoa tinha muita benzedera, agora todas já morreram. – “Então nós vê o que é que tá acontecendo.” Aí foram lá buscaram uma benzedera e ela disse que era uma feiticera. Que

a feiticera que tinha feito aquilo e se embrenhado na rede e dava o peso pra ele não saí a pescá. Porque feiticera, bruxa e lambisomem só faziam o mal. Aí desses dias pra cá desapareceu todas aquelas rosas da Índia. A benzedera disse que aquelas rosas ela tinha ido buscá na Índia, que eram rosas da Índia!

Eu sei que desapareceu bruxa, feiticera, lambisomem... desapareceu tudo! Porque as benzederas vem e benzeu as crianças e as bruxas se afastó. Ela benzeu assim:

“Bruxa, Bruxa que te embruxa
Vassoura na boca
São sofrê na mão
Não me venha nesta casa com esta demarcação
As bruxas deixa as crianças come, bebe e dormi
Se cria em nome de Deus e da virgem Maria
Amém!”

Ela benzeu com esta benzedura e as bruxas se afastaram. E era isso!

Mas primeiro era muito difícil agora é bem fácil. Agora é mais fácil assim o barco, o mercadinho que nós temo. Temo posto de saúde com bom médico, uma boa enfermera atende a gente muito bem. Tem isso tudo então tá melhor!”

Eu perguntei se ainda existiam benzederas e dona Joana respondeu:

“Agora não mais. Tudo morreu. Agora é só médico. Quando dá uma doença nas crianças a gente vai pra médico. Se escapá, escapó, se não escapá paciência porque a gente não tem mais pra onde vai.”

Eu ouvi e reouvi diversas vezes essa conversa gravada. As coisas que mais me encantaram neste diálogo foram: a contradição no seu discurso, uma contradição dialética, compreensível e sábia muitas vezes; a mudança no tonus da sua voz, que se ouve mais brilhante e cheia de energia quando está narrando uma parte fantástica, fazendo uma reza ou entoando uma cantiga e mais melancólica e frágil quando narra um fato concreto como a presença de médicos ou o mercadinho. É incrível como as histórias, nossa imaginação, possuem um poder enorme sobre nossas ações e nossa energia cotidiana. Qualquer pessoa quando começa a relatar um caso, uma conto popular ou uma crença parece ser deslocado da matéria e transcender para outra dimensão, para outro plano de consciência e passa a emanar uma energia diferenciada que contagia quem quiser compartilhar ou participar deste momento sagrado.



FOTO 32, 33 e 34 – Dona Joana e Eu.
FONTE – Offênbecker, Juliana. 2014.

Estudando a obra de Franklin Cascaes me deparei com relatos muito próximos dos que ouvi dos moradores da Costa da Lagoa. Franklin Cascaes (1908-1983) foi um grande pesquisador da cultura oral, popular e de trabalho dos descendentes açorianos em Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis), consagrou sua pesquisa em relatos de experiência, desenhos, esculturas e transcrições da tradição oral. Em seu livro O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA reuniu 24 narrativas populares surpreendentes, repletas de regionalismos e figuras fantásticas. Através da leitura destas histórias é possível compreender melhor o imaginário criado na Ilha e entender também muitas questões políticas, econômicas e sociais.

Franklin registrou em escultura e desenhos diversas manifestações folclóricas e tinha como ideal realizar uma obra que todos pudessem usufruir e compreender, principalmente quem era seu foco de pesquisa o homem e a mulher simples, maioria analfabeto e com grande legado de cultura popular.



Figura 01 – Sabá Bruxólico.
FONTE – Cascaes, Franklin. 1979.



Figura 02 – Estado Fadórico das Bruxas.
FONTE – Cascaes, Franklin. 1960.



Figura 03 – Baile das Bruxas.
FONTE – Cascaes, Franklin. 1960.



Figura 04 – Bruxas atacam um Pescador.
FONTE – Cascaes, Franklin. 1973.



Figura 05 – Bruxa Fera da Ilha da
Madeira.
FONTE – Cascaes, Franklin. 1979.

No livro O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA de Franklin Cascaes se encontram 24 contos recolhidos pelo autor que descrevem os encantamentos e as maldades praticadas pelas bruxas na Lagoa da Conceição e o poder que somente as benzedadeiras possuíam para afastar certas doenças e maldições. Nestes relatos é possível notar como a força feminina estava presente na sociedade através do poder sobre o místico e o conhecimento de rezas e plantas medicinais. Abaixo um relato sobre o trabalho de uma benzedadeira:

“A muié, quando cumeçô a binzidura, entrô num desassossego tão grande que eu intê fiquei intimidado. A muié chegava na janela do quarto, oiava pro mári; ia nos canto da casa, ispiava pro chão; oiava pra riba do teiado da casa, dava vorta pelo terreno e entrava na casa, resmungando sozinha sempre, dizendo um pudê de palavra qui nem essas que os pessoáli lá das otras banda falo. Adepôs se assentô im riba da caxa de guardá ropa e garrô pra mo’de fumá cigarro de paia de miiio. A gente ficô tudo assustado c’aquela situação dela. De repente, ela s’alevantô de riba da caxa, chamô eu e a Modesta lá dentro do quarto e falô: “As vossas criança tão ataca pelo terríve máli do bruxedo e acho memo que elas tão munto chuchada. Por poco memo é que vancês já não perdero elas. Mági agora não vai tê mági pirigo, proqu’eu já cortê o sortejejo dessas farsante discarada mula sem cabeça, que tão aí assentada no canto do quarto da vossa casa incuiidinhas qui nem cachorro moiado. Eu sê munto bem que vancês não tão vendo elas, mági elas tão ali de oio bem escancarado, oiando pra mim e pra vancês, mortas de medo.”

(CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Coleção Repertório. Florianópolis: Editora UFSC, 2012, p.72 e 73)

A benzedeira aparece nos relatos como uma espécie de contrapoderã bruxa, geralmente como a última tentativa de salvar uma criança ou alguém que depois de tentar outros meios de salvamento se diz enfim embruxado. Porém, diferente das bruxas, as benzedadeiras não são apenas personagens de contos, pois elas são pessoas que realmente existem na comunidade, que realizam um papel social e são reconhecidas desta maneira.

“As benzedadeiras são mulheres que, detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém-nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou

proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, são vistas como “especialistas” nestas questões pelos outros moradores do lugar.”

(MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos – bruxas e bruxarias nas Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p.119)

Lendo isto é fácil compreender porque muitos moradores dizem, não existir mais benzederas em suas comunidades, afinal com a chegada dos serviços de saúde pública, dos meios de transportes mais eficazes e da energia elétrica esta função mais concreta da benzedeira (principlamnete cura por ervas e partos) acabou se tornando desnecessária, restando apenas o ofício mais místico, das rezas e benzeduras, que também muitas vezes foram considerados práticas de bruxaria por algumas religiões específicas (como no caso da Católica e Evangélica). Dessa forma, muitas benzedeadas se viram na obrigação de manter suas práticas para poucos e de certa forma escondidas da comunidade. Também, posso constatar que com o grande aumento de adeptos a específica igreja Evangélica (fundamentalista) muitas pessoas da comunidade são proibidas por seus pastores de relatar histórias sobre bruxas, outros seres encantados e até sobre benzedeadas por serem induzidas que desta maneira estão sendo persuadidas por forças maléficas e por satanás.

Em muitos casos encontrei dificuldades e até fui mal recebida (rechaçada) por pessoas que não queriam mais falar sobre o tema e negavam a cultura popular local, sua identidade cultural e suas histórias devido a sua nova religião, ou como me diziam: “Porque agora tinha encontrado o caminho de Deus.”

Outro fator que agrava o desaparecimento destas histórias foi a chegada da televisão nas comunidades locais. O momento de troca com a outra pessoa da sua comunidade ou até na própria família foi substituído pelo momento de assistir uma novela ou outro programa televisivo. Muitas crianças que conversei durante este processo quando eram questionadas sobre qual era sua história, contos preferidos me respondiam com um nome de um desenho da televisão. E quando eu relatava algumas histórias que havia ouvido dos mais velhos, as crianças nunca tinham escutado e nem sabiam que aquilo podia ter existido ali, a menos de 100 anos atrás.

Neste momento sempre lembrava de algo que escutei muito nas entrevistas: “Isso já existia, mas não existe mais.” Me entristece pensar que talvez deixe realmente de existir nas próximas gerações daquela comunidade.

6. De pai pra filho – de mãe pra filha

No dia seguinte voltei para o ponto 17 para participar da festa da escola da comunidade da Costa da Lagoa e entrevistas mais crianças e adultos.

O encontro na escola foi interessante por que tinha diversas pessoas da comunidade envolvidas com diferentes manifestações culturais da região.



FOTOS 35 e 36 – Boi de mamão.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

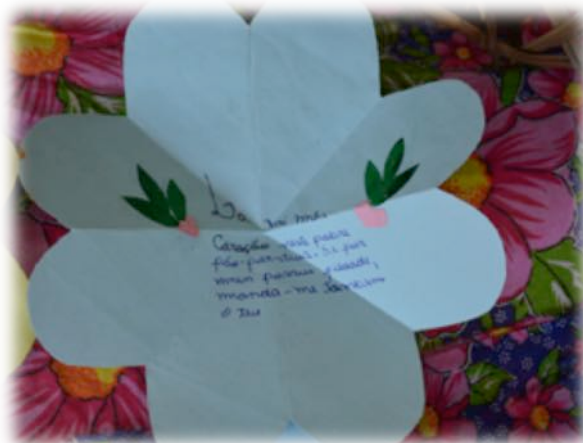


FOTO 37 – Pão-por-Deus, bilhetinhos de amor.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.



FOTOS 38 e 39 – Confeção de Tarafas.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.





FOTO 40 e 41 – Renda de Bilro.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.



FOTO 42 e 43 – Barcos Artesanais.
FONTE – Offenbecker, Juliana. 2014.

Renda de Bilro e Barcos artesanais são tradições que passam de pai para filho e que aos poucos vão perdendo espaço para modernidade, mas sempre encantam quem pode conhecer de perto estes maravilhosos trabalhos. No caso dos barcos, antes eram feitos em tamanho natural para os pescadores e agora somente em minituaras como enfeites ou brinquedos. A renda de bilro antes era confeccionada para o próprio uso (muito comum quando se preparava o enxoval para o casamento ou a fuga), agora feita por senhoras para venda nos comercios locais.

“Fuga e Casamento

João Libanio – Porto da Lagoa

Minha mulher, eu namorei no Rio Tavares. Ela morava ali. O namoro era diferente. Tinha que ficar longe da namorada, um metro longe. Casei com dezoito anos e ela com dezesseis. Eu fugi com ela, depois casei.

Era mais fácil fugir, não gastava tanto.

Nós combinamos fugir.

Eu ia lá todas as quintas e sábados.

Um dia eu disse: - Amanhã eu venho te buscar e pronto.

Ela veio sem nada, depois eu fui buscar suas coisas.

Fiz uma casa de estuque, barro com bambu.

As casas eram mais quentes que essas de hoje.

Tinha poucos vizinhos, era uma casa ali, mais outra lá em cima, assim ia...”

(BORGES, Elaine; OROFINO, Bebel; SANDIN, Suzete. **Vozes da Lagoa**. 2. ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte; Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2007, p.120)

Para entendermos melhor a FUGA cito o paragrafo abaixo:

“A união conjugal ocorre através da fuga, também chamada de raptó da noiva. É o momento em que os namorados, depois de não mais do que quatro ou cinco meses de namoro, resolvem morar juntos. Essa forma de enlace está diretamente ligada ao sentido que assume o casamento nessas comunidades. Casar, principalmente para as gerações mais velhas, significa dar continuidade a um laço anterior, permanecer ligado a família de origem, do homem ou da mulher. Ao contrário do que ocorre em zonas mais urbanizadas, a nova família formada através da fuga dos noivos incorpora-se ao grupo familiar maior e passa a existir como mais um braço da família extensa.”

(MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos – bruxas e bruxarias nas Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p.25)

Esse tipo de formação ainda é muito presente nas comunidades da Lagoa, muitos pontos de parada de barcos inclusive receberam o sobrenome da família presente naquela região. E muitas famílias se mantem dessa forma também financeiramente, onde todos são responsáveis pelo sustento de todos.

7. Seu Dedeco e Franklin Cascaes

Depois da festa na escola fui conversar com outro morador antigo da comunidade: Seu Dedeco. Ele trabalhava fazendo rede para pesca e sua família toda morando ao redor de sua casa (principal). Outro morador havia me contado que ele era um grande contador de causo e que tinha visto muita coisa do lado de lá da lagoa. Quando perguntei sobre isso ele foi logo se empolgando e contando grandes aventuras:

“Agora não aparece mais. Mas eu vi! Tava lá do outro lado das figueiras aí e se via a luz, se via elas cantá, dava umas gritada... dizem que era feiticeira. Quando eu via lambisobem também de noite. Uma vez fui puxa rede ali e um lambisomem quase me mato... ele veio mais o filho dele, porque ele era velhinho, e morava lá em cima, e fez o filho dele atravessá pro outro lado e quando chego lá ele pulo n’água. Eu não sabia, que eu tava na rede e quando olhei pra baixo pensei parece um cavalo. Mas que coisa é essa? Não tem bicho cavalo nenhum aqui! Depois chego o neto perguntando do vô e se eu tinha visto. Eu falei só se ele for lambisomem. O neto procuro, mas o vô só volto depois de 4 horas e disse que tava caçando. Então eu disse pra ele: ‘então você provô que é lambisomem!?’ E desse dia pra cá ele não foi mais. Porque quando é descoberto não fira mais.” (Dedeco)

Dedeco conta suas histórias com detalhes muito semelhantes aos encontrados nas histórias coletadas por Franklin Cascaes. Abaixo descrevo um trecho da entrevista com seu Dedeco e um trecho do conto intitulado BRUXAS ROUBAM LANCHA BALEEIRA DE UM PESCADOR (1975) presente no livro de Cascaes.

“E a mesma coisa da feiticeira. Eu trabalhava lá na Barra da Lagoa e tinha um senhor lá que tinha uma lancha e todo dia ela amanhecia molhada. E tava no rancho, né? E amanhecia molhada. Todo dia essa lancha amanhecia molhada. Quando foi outro dia a noite, era só de sexta-feira a noite, ele se deitou dentro da proa que é fechada, né? Ele foi na porta tranco, dentro do rancho, né? E quando foi daqui a pouco elas chegaram. As três e meia mais ou menos. Botaram a lancha pra baixo, saíram pra praia da barra, que eles tavam lá no Campeche. Aí vieram. Aí diziam uma pra outra: ‘cada remada era uma légua!’ e ele ali né? ‘mas tá um cheiro de sangue real?’ dizia uma pra outra, era o velho que ela tava sentindo o cheiro. Aí quando chego na entrada da Barra ali, o velho saiu da proa... primeir deixou elas puxarem a lancha pro rancho, aí saiu e disse: ‘Então eram vocês quatro! Suas frescas!’

Vocês querem a minha lancha?’. Desse dia pra cá nunca mais vieram. Duas eram lá do Aldo e as outras duas não sei quem eram. Sei que eram quatro.” (Dedeco)

“...Quando iniciaram a viagem mar adentro, a misteriosa e agressiva velha bruxa-chefe, que estava comandando a lancha, soltava gritos lancinantes enfurecidos. Pronunciando palavras de alerta às suas comandadas, denunciava que, dentro da embarcação, havia a presença de um corpo humano em estado natural: ‘Esta embarcação está cheirando a sangue real!’

A bruxa que estava sentada no banco da popa da lancha junto da gaiuta, onde o pescador estava escondido, era comadre e prima dele. Ela sabia da presença dele ali, através do fadórico sobrenatural. Para protegê-lo, todas as vezes que a temível bruxa-patrão esbravejava ‘está cheirando a sangue real esta embarcação’, ela respondia com todo o vigor bruxólico para as suas colegas de sina demoníaca: ‘Remem, suas éguas! Que cada remada avance uma légua, pois o galo branco já cacarejou, o amarelo já miudou e o preto não demora a cantar.’

Essa advertência significava que as colegas deviam esforçar-se para chegar ao lugar de destino e retornar sem serem molestadas pelo canto do galo preto, que significava, para a sina delas, o desencanto total. (...)”

(CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Coleção Repertório.

Florianópolis: Editora UFSC, 2012, p.99 e 100)

Como eu havia lido o livro do Franklin Cascaes exatamente nas semanas que antecederam minha viagem, eu estava com todas as histórias bem ativas na minha memória. Dessa maneira sempre que escutava algum dos entrevistados trazendo elementos presentes já neste imaginário lido e criado por mim, eu sentia como se a história estivesse viva e ganhasse uma força ainda maior. Esse foi um ponto muito interessante nesta pesquisa: poder viver um pouco este universo imaginário tão vivo naquela natureza, na terra, nos cheiros, sabores e nas pessoas que aceitaram partilhar suas lembranças e história.

Outro ponto interessante desta pesquisa foi também retomar este material recolhido (audio das entrevistas, videos, fotos, anotações e bibliografia) após algum tempo de distanciamento. Quando decidi fazer esta pesquisa tinha uma foco muito claro: coletar material, conhecer as manifestações culturais presentes naquela região e vivenciar novas experiências para escrever um espetáculo teatral para crianças e contar histórias recolhidas. Porém, trazia na minha

bagagem outra experiência com o mesmo foco, que foi a pesquisa que realizei em comunidades da Amazônia e o repertório que criei a partir disso (bate-papos, teatro e narração). Por mais que eu soubesse conscientemente que estava indo para outra região com outros costumes e outra forma de pensar o mundo, no fundo estava esperando encontrar nesta nova pesquisa o mesmo resultado, o que obviamente nunca iria ocorrer. Devido a isso, muitas vezes durante a pesquisa de campo de sentia frustrada com a pesquisa e com o material que estava conseguindo colher. Em muitos momentos pensei em desistir, abandonar o projeto e pensar em outra coisa. Meu apego era tamanho que cheguei inclusive a cogitar voltar imediatamente para Amazônia e pesquisar em outras comunidades que não tive a oportunidade de ir (projeto que ainda tenho para realizar). Depois de passar quase um mês vivendo naquela região, ganhar novos amigos e realizar grandes trocas de experiências, ainda assim terminei minha pesquisa com certa insatisfação e frustração.

Devido a isso quando voltei para São Paulo não quis rever o material e não tinha muita vontade de falar sobre o assunto. Porém, meus companheiros de trabalho me questionavam sobre a experiência e aos poucos fui relutando o que tinha vivido e percebendo a grandeza e a verdadeira dimensão do que havia realizado e estava descartando tanta riqueza apreendida. Comecei então a ouvir as gravações, reler as anotações e percebi que nesta pesquisa o distanciando foi essencial para que eu pudesse enxergar as belezas e riquezas dos presentes que recebi de cada pessoa que encontrei no meu trilhar e cada preciosidade que tive acesso durante todo este processo.

E espero que quem leia este trabalho possa sentir esse gostinho de quero mais e que possamos conversar, trocar interesses e eu possa contar outras passagens, histórias e paisagens que não foram possíveis de serem escritas neste trabalho, devido ao excesso de material que ainda tenho para compartilhar.

Gostaria de terminar com uma frase que ouvi muito durante as entrevistas depois que já tinham me presenteando com grandes diamantes, todos diziam:

“E é só isso fia que eu sei! Eu não sei nada não!”

REFERÊNCIAS:

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Coleção Repertório. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos – bruxas e bruxarias nas Lagoa da Conceição.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

BORGES, Elaine; OROFINO, Bebel; SANDIN, Suzete. **Vozes da Lagoa.** 2. ed. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte; Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2007.

MELO, Osvaldo Ferreira de. **O Boi-de-mamão no folclore catarinense.** Florianópolis, Departamento Estadual de Estatística, 1950.

PIAZZA, Walter Fernando. **Aspectos folclóricos catarinenses.** Florianópolis, Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PRADE, Péricles. **BRUXARIA no desenhos de Franklin Cascaes.** Florianópolis, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2009.

NORONHA, Mria Helena Vieira Pires. **O mar e a pesca: um presente histórico da tradição açoriana em Santa Catarina.** Florianópolis, IOESC, 2002.